



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17932 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

MOVIMENTOS SOCIAIS ENQUANTO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E MILITÂNCIA DE PROFESSORES/AS: FÓRUMS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ana Karla Loureiro da Silva - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Claudio Pinto Nunes - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL SUDOESTE BAHIA

Marinaide Lima de Queiroz Freitas - UFAL - Universidade Federal de Alagoas

MOVIMENTOS SOCIAIS ENQUANTO ESPAÇO DE FORMAÇÃO E MILITÂNCIA DE PROFESSORES/AS: FÓRUMS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, é um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento e tem como objetivo compreender as experiências de vida-formação-militância que permeiam as trajetórias de professoras/es que lutam pelo direito à educação de sujeitos jovens, adultos e idosos no município de Maceió, tendo como lócus o Fórum Alagoano de Jovens e Adultos (Faeja).

O interesse pelo tema surgiu a partir das inquietações dos/as autores/as em torno das experiências profissionais, em consonância com os aspectos políticos do exercício da profissão docente em EJA. Dentre os aspectos políticos, como assevera Machado (2008) destacam-se os movimentos sociais, de reconfiguração do campo da modalidade, para a formação de professores/as dentre eles a criação dos fóruns de EJA no Brasil, iniciada em 1996, estando presentes em todos os estados da federação e no distrito federal, que se caracterizam como espaços plurais de construção, mobilização e debate para a efetivação de uma política pública de educação para essa modalidade, pautado numa atuação em rede e articulada com outros espaços e movimentos sociais.

Esse cenário de lutas dos referidos Fóruns, aguçou a nossa curiosidade epistemológica, e a partir das leituras dos trabalhos nacionais é que adentramos por esta temática, ampliando as discussões acerca de outros espaços de formação dos/as professores/as de EJA, problematizando: como se configura a produção do conhecimento sobre a relação vida – formação – militância de professores/as na EJA?

Neste artigo, buscamos compreender a configuração do conhecimento vinculada a relação entre formação de professores/as e militância que abordam os enredamentos dessas ações, com as práticas desses/as professores/as e que têm suas identidades forjadas dentro das lutas coletivas, no âmbito geral dos Fóruns do Brasil com o olhar voltado ao lócus do nosso estudo. Para essa compreensão, foi necessário o mapeamento da produção científica sobre a relação vida – formação – militância de professores/as nos anos de 1996-2024 e na sequência procedemos a análise dessas produções. O ano inicial do recorte temporal, coincide com o surgimento dos Fóruns EJA, no entanto, seus profissionais estiveram sempre atrelados a luta pela modalidade, a exemplo do Coletivo de Alfabetizadores/as de EJA, que atuava em Alagoas.

O que para tanto foram selecionados trabalhos em sítios digitais de credibilidade detentores de significativo armazenamento de publicações. Aplicamos os descritores "formação" "militância" "EJA" "professores/as" e "educadores" compreendendo a importância política e social da educação popular enquanto potência formativa. Metodologicamente, seguimos os caminhos apontados pela pesquisa qualitativa (Bogdan; Biklen, 1994) a partir da pesquisa bibliográfica (Lima; Miotto, 2007; Minayo, 2010), na busca pelo estado do conhecimento (Morosini; Nascimento; Nez, 2021).

2 SENTIDOS DA MILITÂNCIA: ENREDAMENTOS COM A FORMAÇÃO

A EJA, constitui-se como modalidade de ensino, direcionada àqueles/as a quem foi negado o direito à educação. A referida modalidade esteve fortemente atrelada às campanhas nacionais de alfabetização, que possuíam conceitos restritos em relação a aprender a ler, escrever e contar para os sujeitos trabalhadores/as-estudantes, aqueles/as que de acordo com Furlani (1998), faz a opção pessoal por estudar e não dependem financeiramente dos familiares.

Perspectivas que relegaram/relegam a EJA a segundo plano na construção de políticas que garantam a sua efetividade, caracterizando-a como compensatória ou aligeirada - com cursos rápidos -, sem referenciais didático-pedagógicos, desconsiderando os inúmeros trabalhadores/as que retornam à escola e precisam considerar seus cotidianos sociais, de trabalho e com família.

Ao defender a Educação de Jovens e Adultos como essencial para a transformação social e a promoção da consciência crítica, Freire (1987) vai de encontro à perspectiva hegemônica defendendo uma educação libertadora, que valorizasse o sujeito e suas experiências.

Ressaltamos na história da educação, em particular da EJA no Estado de Alagoas, tivemos poucas experiências que de acordo com os trabalhos organizados por Moura (2007, p. 41), só se delinearam em 1993, no município de Maceió, quando “um novo perfil político e conseqüentemente educacional” com a implementação de ações voltadas ao trabalho pedagógico, o que anteriormente alinhava a modalidade ao Ensino Supletivo, ou seja, a rede de educação da capital não possuía projetos político-pedagógicos próprios para a EJA, fato que a descaracterizava enquanto direito, ao passo que à associava ao clientelismo.

Tal perspectiva, contribuiu para um amplo plano de ações democráticas e metodologicamente referenciado na Pedagogia Freireana, abrindo espaço para novas concepções de sujeitos que ainda não estavam alfabetizados e outros que não tinham complementado a escolarização dos anos finais do Ensino fundamental. Nesse contexto a emancipação foi o carro chefe dessa iniciativa, que perdurou por mais de 15 anos, quando houve um recuo drástico, na EJA em Maceió.

Enquanto campo, recorrentemente, excluído das agendas educacionais, sobretudo nos âmbitos municipais e estaduais, os profissionais comprometidos com a modalidade escavam possibilidades de luta e resistência, e atestavam/atestam o poder político da educação e da militância que se enredam com as identidades profissionais.

Significa dizer que a própria história da EJA é marcada pela militância, considerando seus laços com a Educação Popular, por profissionais, estudantes e movimentos sociais que defenderam o direito à escola. O enredamento dessas ações, com as práticas dos professores/as se confundem, muitas vezes, com a memórias da educação de diversos municípios brasileiros, - a exemplo a cidade de Porto Alegre -, dentre os quais, Maceió, contexto desta pesquisa.

Ancorados em Gallo (2022) nos aliamos ao conceito de professor/a militante, e seus reflexos nessa formação entendo-o como aquele que busca transformar pela ação. Dentro dessa perspectiva, o autor considera que todos/as os professores/as são militantes e que de alguma forma têm que tomar partido ou se esconder de uma pretensa neutralidade, que não existe.

No que se refere a formação docente, a compreendemos como constituída antes e durante o percurso social e profissional do/as professores/as (Marcelo Garcia, 2009) e sua identidade é a forma como esses profissionais se constroem

historicamente, suas experiências e posições (Pimenta, 1999). É o eterno fazer-se um movimento contínuo de aprendizagem que acontece durante toda a carreira, mobilizações e reconstruções, imbricadas na possibilidade de refletir sobre suas práticas.

Do ponto de vista metodológico e de aproximação teórica com o campo investigado e seguindo as fases desse processo, centramo-nos na pesquisa bibliográfica (Lima e Mioto, 2007). Utilizamos o banco de dados Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), o portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível superior (Capes) e os anais das reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação Pesquisa em Educação (Anped) nos grupos de trabalhos relacionados a formação de professores, educação de pessoas jovens e adultas e educação popular, com o olhar voltado para a EJA e seus entrelaçamentos com a militância e os fóruns de EJA, do Brasil. Nesse processo, consideramos, inicialmente o recorte de 2019 – 2024, sendo ampliado, devido ao limite das produções encontradas, conforme focaremos mais adiante.

3 Resultados e discussões da pesquisa:

Do levantamento, inicialmente ao recorte temporal 2019 – 2024, que se apresentou silenciado, diante nos descritores que mencionados - “formação” “militância” “EJA” “professores/as” e “educadores/as”, ampliamos a temporalidade 1996 – 2024 e aplicamos novos descritores, tais como “fórum EJA” “formação” “professores/as” “educadores/as”. Os sites apresentaram 21 (vinte e um trabalhos), que após uma filtragem, com o foco na nossa temática, permaneceram, apenas 05 (cinco) que se aproximam da nossa temática.

No BDTD, 02 (duas) dissertações ambas da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), dialogam com nossa temática, a primeira trata-se da dissertação de Ligia Caroline Pereira Pimenta (2017), denominada: “Por um ethos docente militante numa escola de educação de jovens e adultos”, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional. Essa produção, teve como objetivo principal, as linhas e entrelinhas que perfazem o trabalho docente – considerado pela autora como militante -, no qual os sujeitos implicados nessa ação, urdam em suas práticas formas próprias e inventivas de fazer militância, atravessado pelas práticas de cuidado, em razão da exigência de energias físicas e psíquicas demandadas ao enfrentar as forças capitalistas que invadem com todo vigor as ações cotidianas dos sujeitos, incluindo a escola.

A autora compreende, ainda, que “as militâncias fazem parte de um plano de forças que atravessa o cotidiano da escola” (p. 126) e que, portanto, situa o tateamento do coletivo. Nessa direção, entendemos que uma prática que se

apresente como coletiva precisa construir-se, continuamente, no exercício do agir.

A segunda do Programa de Pós-graduação em Educação, intitulada “O fórum de educação de jovens e adultos do Espírito Santo e o direito a educação: lutas, contradições, desafios e perspectivas”, de Tatiana Silva Machado de Oliveira (2021), teve em sua centralidade investigar o percurso e a atuação política do Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Espírito Santo no período de 2008-2018, e sua relação com o Estado, frente às lutas pelo direito à educação, em um contexto de desmonte da educação pública visando compreender as relações entre sociedade civil e Estado. Problematizando a configuração do Fórum como movimento social.

Em sua análise, constatou que durante o seu percurso de atuação o Fórum de EJA/ES, apresentou posturas de resistência nas discussões das plenárias, que foram utilizadas como pautas de luta contra políticas reducionistas e negacionistas assumindo seu papel enquanto movimento social e de acordo com a autora, segue buscando assumir o seu compromisso, como sujeito político, junto a outros atores sociais, com uma agenda comum de lutas.

A busca nos periódicos Capes, nos direcionou a 01 (um) artigo, intitulado: “Fóruns de EJA como espaço de formação continuada de professores: análises por meio de grupos de discussão”, de Raquel Silveira Martins (2017), que discute os achados de pesquisa ligada ao documento Projeto de Educação de Jovens e Adultos que descreve uma proposta para a EJA na rede municipal de educação de Divinópolis/MG. Dentre esses achados a autora destaca que o principal deles está no delinear dos fóruns de EJA como espaços de formação de professores.

Neste delineamento, os fóruns se constituem enquanto espaços de compreensão da EJA como um movimento de luta contínua pela educação como direito, vinculando o caráter político ao caráter formativo do Fórum, constitutivos de um espaço-tempo de formação. Os dados produzidos demonstram que as discussões, reflexões e embates desse espaço formativo e político, ultrapassam as concepções de formação engendrada em cursos, uma vez que os sujeitos participaram ativamente mobilizando outros espaços-tempo, para além da sala de aula.

No GT18/Anped – Educação de Pessoas Jovens e Adultos, apareceram duas produções. “Formação, vivência e convivência nos fóruns regionais mineiros de EJA de Fernanda Rodrigues Silva (2009) e outra de autoria de Luiz Olavo Fonseca Ferreira (2009) “O fórum mineiro de EJA e a construção das políticas públicas em Belo Horizonte”, ambas da Universidade de Minas Gerais (UFMG).

A pesquisa empírica, de Silva (2009) teve como objetivos caracterizar os Fóruns Regionais Mineiros de EJA, apreender o significado dos Fóruns para

aqueles que organizam e as contribuições para as instituições e para as regiões onde ocorrem.

Dentre os achados, a autora destaca a participação feminina a frente dos fóruns, com falas que reconhecem os Fóruns como locais de formação – aquela vivenciada durante toda a preparação dos encontros, a que se desdobra nos projetos individuais e a que (in)forma para o trânsito em outras ações no campo da EJA, que trazem mais respeito, visibilidade e apoio para os trabalhos de EJA e circulação de informações.

Ferreira (2009), aborda as percepções dos participantes do Fórum Mineiro de EJA quanto as intervenções da ação coletiva no processo de construção de políticas públicas, na cidade de Belo Horizonte. O autor afirma, que os relatos dos partícipes entendem o Fórum enquanto espaço privilegiado das discussões em torno do reconhecimento da educação, como um objetivo a ser conquistado nas instâncias do poder público.

A pesquisa referenda as características de resistência e a capacidade de sobrevivência na luta pela EJA, no Estado, apresentando como resultado a importância do Fórum enquanto espaço formativo, atuando, na formulação da política pública de EJA, em Belo Horizonte.

Após termos realizado esse levantamento, que nos possibilitaram contato com concepções e conceitos abordados e enredados no bojo da formação de professores/as para a EJA, reconhecendo os Fóruns nesse contexto, enquanto instância formativa em múltiplos espaços, registramos a ausência de produções focando o Faeja, lócus do nosso estudo.

Espaços esses formativos que dialogam com a formação seja inicial ou continuada, demonstrando a necessidade de compreendê-la no âmbito da prática social, delineando os diferentes lugares de formação.

A partir desses focos, é preciso cada vez mais criar espaços-tempos de resistência, de luta coletiva, em prol da seguridade dos direitos e de uma sociedade com mais justiça social.

Ressaltamos que nos Grupos de Trabalhos relativos a Educação Popular e Formação de Professores, nada foi encontrado relacionado com a temática da nossa pesquisa.

4 – (IN)CONCLUSÕES

As análises iniciais, a partir dos trabalhos mapeados, abordam em sua

maioria a centralidade dos Fóruns de EJA e sua importância no desenvolvimento de políticas para a modalidade, o protagonismo de seus membros e a importância desse espaço formativo figura na esfera da subjetividade, quando apontam os Fóruns enquanto instâncias privilegiadas de discussão e socialização de experiências, configuram-se como espaço de debate aberto, para a construção de ações que possibilitem a intervenção nas políticas públicas, por meio da interlocução entre os movimentos sociais e as esferas governamentais.

Considerando a educação enquanto ato político, como afirmou Paulo Freire, podemos entender que nenhuma ação educacional é destituída de um foro ideológico. Entendemos que a atuação profissional do/a professor/a possui este caráter eminentemente político *dentrofora* (Oliveira, 2012). Os fóruns se caracterizam por seu caráter plural e sua possibilidade de interação, na discussão coletiva de pautas que interessam a uma gama de sujeitos implicados pela oferta de uma educação de qualidade.

Esse cenário de luta em diferentes contextos apontam as perspectivas de resistência dos fóruns, enquanto instâncias de reflexão da política de EJA a partir da interação entre os diferentes segmentos que o compõe, sujeitos coletivos que se educam pela ação, acompanhando, discutindo, interferindo, propondo e definindo os rumos da EJA que tem como um dos seus princípios o trabalho coletivo e a luta em defesa da educação pública.

Ainda há um longo caminho a percorrer as induções de política do Estado na confirmação da educação enquanto direito, somada à invisibilidade da EJA torna-se algo que parece se internalizar na sociedade, precisamos nos desafiar, uma vez que a política da EJA está em constante disputa e encoberta por interesses diversos nos campos em que se discute essa política, estamos em tempos de reconstituir as perdas para galgarmos a formação de qualidade na modalidade.

Após termos realizado diferentes rotas chegamos ao entendimento de que no caminhar, outros enredamentos podem acontecer e precisamos repensar, traçar novas rotas. As questões aqui levantadas estão em aberto, pois ainda não temos respostas, e quanto mais nos *embrenhamos* nas leituras, outras tantas nos parecem necessárias, é quando vemos o quanto ainda temos a aprender.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert C., BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

FERREIRA, Luiz Olavo Fonseca. O fórum mineiro de EJA e a construção das políticas públicas em Belo Horizonte. In: 32ª Reunião Anual, em Caxambu/MG,

2009. **Anais eletrônicos**... anped.org.br. Disponível em: http://32reuniao.anped.org.br/trabalho_gt_18.html Acesso em: 19 jun. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

MOURA, Tânia. **A Educação de Jovens e Adultos em Maceió – Alagoas: a experiência de uma década – 1993 a 2003**. In: MOURA, Tânia. A formação de professores para a Educação de Jovens e Adultos: dilemas atuais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FURLANI, Lúcia M. Teixeira. **A claridade da noite: os alunos do ensino superior noturno**. São Paulo: Cortez, 1998.

GALLO, Silvio. **O Professor Militante**. São Paulo: Pedro e João Editores, 2022.

LIMA JUNIOR, Eduardo Brandão et al. **Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa**. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 44, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356>. Acesso em: 29 fev. 2024.

MACHADO, M. M. Formação de professores para EJA: uma perspectiva de mudança. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 2, n. 2/3, 2012. DOI: 10.22420/rde.v2i2/3.133. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/133>. Acesso em: 29 mar. 2024.

MARCELO GARCIA, Carlos. Desenvolvimento Profissional: passado e futuro. Sísifo – **Revista das Ciências da Educação**, n. 08, p. 7-22, jan./abr. 2009.

MARTINS, R. S. Fóruns de EJA como espaço de formação continuada de professores: análises por meio de grupos de discussão. Formação Docente – **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, [S. l.], v. 5, n. 8, p. 92–108, 2013. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/77>. Acesso em: 23 jun. 2024.

MOURA, Tânia. **Evolução histórica das concepções sobre alfabetização de adultos**. In: MOURA, Tânia. A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos – contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. 3.ed. Maceió: Edufal, 2004.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: FAPERJ, 2012.

OLIVEIRA, Tatiana Silva Machado de. O fórum de educação de jovens e adultos do Espírito Santo e o direito a educação: lutas, contradições, desafios e perspectivas. Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.

PIMENTA, Ligia Caroline Pereira. Por um êthos docente militante numa escola de Educação de Jovens e Adultos. Programa de Pós – Graduação em Psicologia Institucional, da Universidade Federal do Espírito Santos, 2017.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. 7. ed. São Paulo:

Cortez, 1999.

SILVA, Fernanda Rodrigues. Formação, vivência e convivência nos fóruns regionais mineiros de EJA. In: 32ª Reunião Anual, em Caxambu/MG, 2009. Anais eletrônicos... anped.org.br. Disponível em: http://32reuniao.anped.org.br/trabalho_gt_18.html Acesso em: 19 jun. 2024.
